

## NARCISISMO: EFEITOS E PERSPECTIVAS VINCULARES - CONVIVER É PRECISO?<sup>1</sup>

*Waldemar José Fernandes<sup>2</sup>*

*“... Quando eu te encarei  
Frente a frente  
Não vi o meu rosto  
Chamei de mau gosto o que vi  
de mau gosto o mau gosto  
É que Narciso acha feio  
o que não é espelho  
E à mente apavora o que ainda  
Não é mesmo velho.  
Nada do que não era antes quando não somos mutantes...”  
Caetano Veloso, em Sampa*

### RESUMO

Em primeiro lugar, é lembrada a importância do altruísmo ou coletivismo no trabalho com grupos. A seguir, são apresentadas possibilidades de entendimento do conceito de vínculo, assim como o que o autor entende por narcisismo, no modelo psicanalítico vincular. O Encontro entre indivíduos provoca instabilidade e vicissitudes importantes, verdadeira tempestade emocional, principalmente no que se refere ao narcisismo, seja de pacientes, seja de psicoterapeutas, e envolve aspectos do vínculo transferência-contratransferência, e também do que é denominado interferência. Alguns temas da teoria da técnica são abordados, enfatizando a possibilidade de se fazer intervenções não apenas relacionadas ao passado, mas também ao presente, que provoca efeitos e abala o ego. É enfatizado o fato de que além das três feridas narcísicas apontadas por Freud, o grupo é a quarta ferida. O narcisismo do terapeuta estará sempre presente, e não é um elemento que se possa examinar com precisão, pois tem a qualidade do abstrato. Entretanto, tal convivência é necessária, assim como sua administração. O mesmo consegue fazer cada participante do grupo, quando evolui bem.

**Palavras-chave:** Conviver com as diferenças; Imposição do presente; Narcisismo; Terapeutas; Vínculo.

<sup>1</sup> Mesa redonda: “O narcisismo dos terapeutas” – Sociedade Portuguesa de Grupos/Análise/X Congresso Nacional da SPG e X Enc. Luso Bras. de GA e PAG., Lisboa, 19-21 nov/2009.

<sup>2</sup> Médico especialista em psiquiatria pela ABP – Associação Brasileira de Psiquiatria. Membro fundador e docente do NESME – Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares e da SPAGESP – Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo. Organizador do I Encontro Luso-Brasileiro de GA e PAG, em 1991, São Paulo.

## Introdução

Em 1921, Freud relatava a importância do altruísmo em contraposição ao narcisismo no relacionamento humano. De fato, vivemos em grupos, nos comunicamos, amamos e odiamos, sempre tendo em vista algum Outro.

O trabalho com famílias, casais, grupos e instituições, visto pelo vértice psicanalítico, apresenta particularidades diretamente relacionadas com a diversidade, com a disponibilidade para conviver com a incerteza e com o novo.

Nada mais oportuno, então, do que estudarmos como o Encontro entre duas personalidades produz efeitos, refletindo também sobre o que ocorre entre os participantes do grupo, seja o terapeuta, sejam os pacientes, no desenvolver da investigação psicanalítica que ocorre no processo grupal.

## As estruturas relacionais, o narcisismo e o altruísmo/coletivismo

O conhecimento que realmente interessa no trabalho psicanalítico é o da realidade psíquica, e, para tal, é fundamental que exista na mente uma função vinculadora que dê sentido às experiências emocionais. É o que Bion chamou de Vínculo K (1962).

O conhecimento só é possível a partir da dúvida tolerada, da consciência de que se ignora algo. Isso vale no contato de cada um consigo mesmo, e vale também na estrutura relacional que se estabelece entre os participantes do grupo, e de cada um e de todos com o terapeuta.

O Encontro entre pessoas reais, portanto em uma dimensão intersubjetiva, produz efeitos e cria um espaço intermediário de trocas, importantíssimo para quem trabalha com a psicanálise vincular.

Apesar disso, não estou entre os que concebem o vínculo apenas com uma dimensão intersubjetiva. Há importantes colegas, no entanto, que assim o fazem, conceituando os demais espaços com outras denominações.

Por exemplo, Puget e Berenstein (1986) chamam de “relação intra-subjetiva aos registros no mundo interno de objetos parciais ou totais com os quais o ego mantém diferentes tipos de conexão”, guardando o termo vínculo para quando há a presença de um referencial externo.

Pessoalmente, sinto-me mais confortável ao defender uma visão que julgo mais abrangente. Assim, considero que a expressão vínculo refere-se à “estrutura relacional, quando ocorre experiência emocional entre duas ou mais pessoas ou partes da mesma pessoa. Inclui dimensões intra-subjetiva, intersubjetiva e transubjetiva, e envolve a transferência e a contratransferência” (FERNANDES, 1994, p.28).

A dimensão transubjetiva abarca os mitos, leis, a cultura, o macrocontexto, e não será abordada neste momento.

Vale acrescentar que, no que se refere à dimensão intra-subjetiva, a psicanálise clássica tem dado inúmeras e valiosas contribuições. A dimensão intersubjetiva, entretanto, vem sendo, pouco a pouco, mais bem estudada.

O passado, o presente e suas vicissitudes - aspectos do espaço intersubjetivo do vínculo

W. R. Bion (1979) dizia que em um vínculo intersubjetivo, quando duas personalidades se encontram, cria-se uma **tempestade emocional**, isto é, se eles têm algum contato, um estado emocional se produz pela conjunção destas duas personalidades.

Neste momento ocorre a inevitável repercussão da presença do outro real externo. Esta situação fortalece o ego, e esclarece concretamente sobre a presença do outro, com cujas diferenças fatalmente, teremos de conviver, mesmo com nosso narcisismo e nossa onipotência abalados.

Colegas latino-americanos têm dado decisiva contribuição nessa área, valorizando sobremaneira o momento do Encontro.

“Considera-se que o presente impõe seus próprios significados e sinais, que vão além da repetição do passado, o que é denominado imposição de um presente” (PUGET, 2009, p.114).

Na psicanálise vincular, a alteridade é fundamental. Lidar com a diversidade e a presença fatural dos envolvidos conduz a novas acepções, não deixando de se valorizar os conteúdos inconscientes, referentes às pulsões e à vida infantil. Pelo que contém de novo, essa presença real embaraça, gera efeitos de perplexidade e frustração. Por outro lado, pode promover aprendizagem e fortalecimento pessoal.

O crescimento pessoal, assim como a aprendizagem, implica ter de lidar com a idéia nova, sempre incômoda e persecutória.

O novo provoca resistências e pode despertar o conservadorismo e o *establishment* (BION, 1966), além de feridas narcísicas.

Assim, no processo psicanalítico, pacientes e terapeutas terão de se confrontar com a dúvida, com o não saber, com tudo que seja novo e estranho.

É fundamental estarmos disponíveis não apenas para a influência unidimensional do tempo histórico, mas se pudermos aceitar outras influências e acolher aspectos imprevisíveis, algo de novo poderá surgir, abrindo espaços e arejando a mente.

Certamente é difícil ouvir algo desconhecido sem tentar trazer lembranças de alguma coisa mais familiar, já conhecida, para compreendê-lo. Na realidade, ao se fazer esse caminho um mal-entendido poderá se instalar. “Talvez dessa maneira, se retire o caráter inquietante da novidade e as indagações às próprias certezas, evitando os questionamentos que isso ativaria” (PUGET, 2009, p. 123).

Ao se referir ao efeito da presença em uma sessão Janine traz um novo conceito, a que chama interferência.

“O valor da história linear e do determinismo psíquico mudou, dando lugar ao que se vai produzindo no momento (efeito de imposição e interferência), e ao que não é previsível, chamado de Princípio da Incerteza, conceituações que ativaram resistências” (PUGET, 2009, p.114).

### Barreiras narcísicas e dimensão transubjetiva do vínculo

Já em 1917, Freud enfatizava as barreiras narcísicas no progresso do autoconhecimento.

O narcisismo vem influenciando a humanidade em seu desenvolvimento, sendo que uma barreira aparece quando a realidade se impõe como diferente do esperado e desejado.

O conhecimento e o crescimento pessoal, no entanto, dependem muito mais da frustração e da não realização imediata dos desejos, como já propunha Bion em *Aprender com a experiência* (1962).

Nossa visão das criaturas humanas como seres superiores tem sido muito abalada narcisicamente pela força da realidade impositiva e pelos conhecimentos que o próprio homem vai alcançando. Freud contribuiu amplamente com a teoria das chamadas feridas narcísicas (1917): contribuições de Copérnico, de Darwin e dele próprio, com a descoberta do inconsciente, que abalaram, e muito, o conceito do homem sobre si mesmo.

É aí que entram os grupos - a quarta ferida narcísica. “Considerando o enraizamento do sujeito em suas vivências grupais, o Eu não existe por si mesmo, é uma ilusão, um subproduto da experiência que o grupo promove em seus membros...” (ÁVILA, L. A. 2007, p.21).

Assim como Freud, Ávila compara o Eu a uma cebola, hortaliça cujo bulbo é formado só por cascas, não existindo um núcleo:

... pois o núcleo é a própria cebola, suas camadas mais interiores. O Eu é em tudo semelhante. As nossas cascas são os vínculos Eu-Outro, ...O que me compõe é o meu *eu com o outro*.. Gostaríamos de ter algo só nosso, íntimo e pessoal, essa é a quarta ferida narcísica (ÁVILA, L. A. 2007, p.24).

### A psicanálise vincular e a tolerância à dúvida

As questões propostas até o momento são válidas para os pacientes, assim como para os profissionais da área psi e da área da saúde.

Focalizando a figura do psicoterapeuta, reflito sobre aquilo que, para mim, tem sido motivo de estudo e pesquisa nos últimos anos - o trabalho psicanalítico com as configurações vinculares.

Nestes muitos anos de trabalho clínico me conscientizei sobre a importância de lidar com a dúvida, com a própria ignorância, com o inesperado, enfim, com a falta - e aprender com tal experiência.

Felizmente podemos aprender com nossos pacientes se estivermos abertos aos seus modelos de pensar, às teorias de suas mentes, principalmente quando diferem das nossas teorias.

Uma opinião diferente da nossa, um gesto, olhar ou o tom de voz inesperado pode tanto já significar o indício de comunicação que nos orienta no estudo do vínculo, como pode se transformar em um confronto.

É importante estarmos atentos à possibilidade de interpretações errôneas que a voz pode receber. Por exemplo, em trabalho realizado com Blay Neto (1987)

**NARCISISMO: EFEITOS E PERSPECTIVAS VINCULARES – CONVIVER É PRECISO**

verificamos que a vivência da voz ora doce, ora áspera e acre estava relacionada com fantasias referentes à concordância ou discordância conosco. Da mesma forma, uma concordância verbal pode vir acompanhada de um olhar sedutor ou fuzilando de ódio.

De qualquer modo, a incerteza e a dúvida, quando instaladas, são mais saudáveis que a concordância absoluta. A partir de uma divergência pode-se conversar e tentar algum acordo ou mesmo uma terceira idéia.

Poderíamos dizer então, que a maior característica do trabalho com o dispositivo vincular é **trabalhar com as diferenças** o tempo todo; por isso, a presença do outro tem um peso especial. No grupo, quando alguém tem uma fantasia sobre outro participante, além de uma investigação sobre as questões transferenciais pode-se confrontar a informação com a realidade. De fato, raramente alguém ignora algo a seu respeito que não lhe pareça real, logo corrige e esclarece o mal-entendido. “Esclarecer mal-entendidos é uma das coisas mais necessárias na vida, e tem no grupo um dispositivo muito favorecedor” (FERNANDES, 2003, p.85).

Se pudermos abrir mão de certa dose de onipotência e narcisismo, e ficarmos atentos aos pacientes e às teorias que habitam suas mentes, não iremos ignorar suas comunicações, nem mesmo, considerá-las simplesmente como resistências à análise por serem inesperadas e diferentes das nossas.

**O trabalho psicanalítico com grupos - experiência pessoal**

Todos os fenômenos descritos sobre a dinâmica grupal podem ocorrer com quaisquer participantes do grupo e em subgrupos. É fundamental **o modo** como o psicoterapeuta coordena o grupo.

No trabalho com o grupo o silêncio do analista é um importante instrumento transferencial, pois, não respondendo às demandas manifestas dos pacientes, permite o emergir do material latente. Às vezes o silêncio do terapeuta torna-se persecutório. A obrigatoriedade de trazer os aspectos transferenciais sempre para a figura do analista pode intensificar e ratificar a perseguição. Pode ser mais eficaz lidar com os aspectos transferenciais entre os demais participantes da experiência grupal. Pode ser proveitoso verificar também as interferências que ocorrem no Encontro entre as pessoas, assim como os mal-entendidos, sem ter muita pressa de interpretar.

Não considero que seja **missão do psicoterapeuta** interpretar o tempo todo. Acredito, inclusive, que se pode atrapalhar o desenvolvimento grupal com essa atitude.

Não penso que interpretar seja o único fator de cura, nem mesmo o mais importante, mas, caso seja, creio ser muito mais proveitoso se a interpretação vier de outro participante do grupo, e não do terapeuta, pois isso enriquece e fomenta o desenvolvimento grupal. Entretanto, é importante verificar se o terapeuta consegue ficar em segundo plano, enquanto outros participantes se colocam como protagonistas.

## NARCISISMO: EFEITOS E PERSPECTIVAS VINCULARES – CONVIVER É PRECISO

Zimerman (1993) chama de "Patologia da Interpretação" a situações em que o terapeuta mais atrapalha do que auxilia, pois sua motivação não é ajudar os pacientes, mas engrandecer o ego.

Não interpretar o mais relevante, ou usar a interpretação como instrumento de poder e doutrinação são exemplos de situações que podem ocorrer. Seu uso pode ser excessivo, configurando o que chamo "furor interpretativo" (FERNANDES, 1989, p.62). O **estilo pode ser** retórico, acusador, dono da verdade, pedagógico, pseudo-erudito etc.

É importante considerar que muitas vezes deixamos de apontar aspectos positivos ou de reconhecer progressos dos pacientes, pois todos nós temos alguma necessidade de reconhecimento.

Não devemos nos esquecer de que o limite entre a necessidade de reconhecimento sadio e a carência patológica de reforços constantes (falso self) é pouco nítido, envolvendo inclusive um cuidado especial para com o próprio terapeuta, que pode estar movido pelo **narcisismo**, trabalhando para "receber reconhecimento de que é alguém muito especial, importante etc., que caracterizaria um verdadeiro reassseguramento contra lacunas básicas, como visto em outros trabalhos" (FERNANDES, 1989, p.63).

A patologia da interpretação está diretamente relacionada com a não aceitação da impotência, da intolerância à dúvida, portanto, à onipotência e narcisismo.

### Finalizando

Recentemente, concluí que a dificuldade que vinha tendo para montar novos grupos estava relacionada com minha falta de adaptação aos novos tempos, diretamente ligada ao apego ao que estava acostumado.

O fato é que há 40 anos, os terapeutas de grupo tinham diversos grupos, mas, atualmente, são poucos os que têm um grupo em funcionamento.

Em congresso recente apresentei esses dados, algo desanimado, mas, em meio à discussão, foi ficando claro que eu apresentava certa resistência para me adaptar à demanda. "Creio agora, que o fato de ser menos procurado como psicoterapeuta de grupo hoje do que há anos atrás tem sido um ferimento narcísico difícil de cicatrizar," (FERNANDES, 2009, p.12).

Hoje em dia, é difícil aceitar que numa época de imediatismos, sejamos procurados para aliviar, e se possível, curar todos os males, transtornos e síndromes criados pelos colegas, com seus diagnósticos dados aos desconfortos em geral, ao luto relacionado às perdas, às frustrações do dia a dia...

Em lugar das paixões, a calma, em lugar do desejo, a ausência de desejo, em lugar do sujeito, o nada, e em lugar da história, o fim da história. O moderno profissional de saúde - psicólogo, psiquiatra, enfermeiro ou médico já não tem tempo para se ocupar da longa duração do psiquismo, porque, na sociedade liberal depressiva, seu tempo é contado (ROUDINESCO, 1999, p.41).

## NARCISISMO: EFEITOS E PERSPECTIVAS VINCULARES – CONVIVER É PRECISO

Entretanto, uma questão se impõe: com todo o avanço da psicanálise e da grupanalise, é necessário que estejamos em condição de atender à demanda atual.

Mesmo em se tratando de grupos terapêuticos, como a maioria dos participantes do grupo não está em busca de esclarecer o passado, mas sim de melhorar a qualidade de vida presente e futura, pode-se concluir que *o grupo é o espaço continente e facilitador da busca de condições para um futuro melhor.*

Temos observado que atividades que permitam algum desenvolvimento pessoal aos indivíduos que sofrem, são úteis, mas elas deveriam ocorrer de acordo com as possibilidades de cada um. Talvez formar grupos breves seja uma saída, pois, enquanto algum benefício vai surgindo, lentamente algumas resistências diminuem assim como certa sensibilização ao processo.

Enfim, um desafio: estaremos preparados para o que a sociedade nos oferece? Ficaremos como Quixotes, atacando moinhos? Ou tentaremos sobreviver e ajudar aqueles que nos procuram, a sobreviver com melhor qualidade de vida, já que podemos lançar mão dos princípios psicanalíticos de que dispomos para pensar mais amplamente e do dispositivo grupo como ferramenta para facilitar o desenvolvimento pessoal que for possível?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, L. A. Grupos – a perspectiva psicanalítica. **Vínculo – Revista do NESME**. São Paulo: 2007, v.4, n.4, p.17-25.

BLAY NETO, B. e FERNANDES, W. J. Algumas considerações a respeito da relação emocional terapeuta - grupo - Jornada de PAG, Lindóia, 1987.

BION, W.R. **O Aprender com a Experiência** (1962). Imago Editora, Rio de Janeiro: (14-120; 135), 1997.

BION, W. R. (1966) Catastrophic change. In: **Bull. Brit. Pshyco-Anal. Soc. 5**.

BION, W.R. Como tornar proveitoso um mau negócio (1979). **Rev. Bras. Psicanal.** São Paulo: 13: 467-478, 1983.

FERNANDES, W. J. O terapeuta, o narcisismo e o grupo analítico. **Revista da ABPAG**, n.01. São Paulo: 1989, pp.59-65.

FERNANDES, W.J. Tentativa de Elaboração de Alguns Aspectos Teóricos em Psicanálise das Configurações Vinculares. Anais do XI Congresso Latinoamericano de Psicoterapia Analítica de Grupo. Buenos Aires: 1994.

FERNANDES, W. J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, W. J. (2003) **Grupos e configurações vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 303p.

FERNANDES, W. J. A importância dos grupos hoje. **Rev. SPAGESP** v.4 n.4 Ribeirão Preto: dez. 2003, p.83-91.

FERNANDES, W. J. Talvez haja futuro no trabalho com grupos. Apresentado no VII Congresso Brasileiro de Psicanálise das Configurações Vinculares; V Encontro Paulista de Saúde Mental; IX Jornada da SPAGESP; I Encontro de Saúde Mental de Serra Negra – formando laços, Serra Negra, maio/2009.

FREUD, S. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1995, Volume XVII.

FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1995, Volume XVIII.

PUGET, J.; BERENSTEIN, I. **Psicanálise do casal** (1986). POA: ArtMed, 1993.

PUGET, J. Teoría de la técnica - qué, cómo, cuándo, dónde, por qué, para qué, una clínica de pareja, de familia y de grupo. **Vínculo – Revista do NESME**, n.06, v02, p.07, 2009, p.07

ROUDINESCO, E. (1999) **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ZIMERMAN, D. E. (1993) **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.